

A complexidade e a religação de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin

*Complexity and the reconnection of interdisciplinary knowledge:
contribution of Edgar Morin's thoughts*

*La complejidad y la reconexión del conocimiento interdisciplinario:
contribución del pensamiento de Edgar Morin*

Silvana Sidney Costa Santos¹, Karina Silveira de Almeida Hammerschmidt^{II}

¹ Universidade Federal do Rio Grande, Escola de Enfermagem. Rio Grande-RS, Brasil.

^{II} Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Enfermagem. Florianópolis-SC, Brasil.

Submissão: 11-10-2012 Aprovação: 13-10-2012

RESUMO

Trata-se de reflexão teórica que teve por objetivo aproximar o conceito de complexidade de Edgar Morin com a religação de saberes interdisciplinares na Enfermagem/Saúde. Essa reflexão surgiu por meio de escritos do próprio Edgar Morin e/ou de outros autores, direcionando-se para a necessidade de se repensar a Enfermagem/Saúde, na perspectiva complexa e tendo o cuidado sistêmico como foco central. Foi organizada em três atos: primeiro, apresenta-se o pensador Edgar Morin; segundo, traz-se a complexidade; terceiro, faz-se a inter-relação entre a complexidade e a religação de saberes interdisciplinares na Enfermagem/Saúde.

Descritores: Filosofia em Enfermagem; Saúde; Dinâmica não Linear.

ABSTRACT

This theoretical reflection aimed at bringing the complexity concept closer to the reconnection of interdisciplinary knowledge in Nursing/Health. This reflection has arisen through the writings of Edgar Morin and other authors and was aimed at the need for a rethinking of Nursing/Health in the complex perspective, and had systemic care as its main focus. It was organized in three actions: firstly, thinker Edgar Morin is introduced; secondly, complexity is brought in; finally, the interrelation between complexity and reconnection of interdisciplinary knowledge in Nursing/Health is done.

Key words: Philosophy in Nursing; Health; Nonlinear Dynamics.

RESUMEN

Es una reflexión teórica que tuvo por objetivo aproximar lo concepto de la complejidad con la reconexión de los conocimientos interdisciplinarios en Enfermería/Salud. Esa reflexión surgió a través de los escritos del propio Edgar Morin y/o de otros autores, direccinando para la necesidad de repensar la Enfermería/Salud, en la perspectiva compleja y tuvo como enfoque central la atención sistémica. Fue organizada en tres actos: primer acto, se presenta el pensador Edgar Morin; segundo acto, trae la complejidad; tercer acto, interrelación entre la complejidad y la reconexión de los conocimientos interdisciplinarios en Enfermería/Salud.

Palabras clave: Filosofía en Enfermería; Salud; Dinámica no Lineales.

*Conferência de encerramento do 16º Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem (SENPE),
ocorrido no período de 19 a 22 de junho de 2011, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.*

AUTOR CORRESPONDENTE Silvana Sidney Costa Santos E-mail: silvanasidney@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Esse artigo teórico-filosófico foi organizado em três atos: primeiro, apresenta-se o pensador Edgar Morin; segundo, traz-se o arcabouço teórico-filosófico-metodológico da complexidade; terceiro, faz-se a inter-relação reflexiva da complexidade com a religação de saberes interdisciplinares na Enfermagem/Saúde. Em sua elaboração foram utilizados escritos de Morin e de outros autores que abordaram a complexidade, para alcançar o objetivo desta reflexão: aproximar a Complexidade de Edgar Morin com a religação de saberes interdisciplinares na Enfermagem/Saúde.

EDGAR MORIN

Para aproximar-se de um arcabouço teórico há necessidade de conhecer seu precursor, no caso, a Complexidade: Edgar Morin. A autobiografia intelectual de Edgar Morin é apresentada no seu livro *Meus Demônios*⁽¹⁾ como um entrelaço de sua vida profissional e pessoal – sua própria vida – uma vez que, para Morin, a vida intelectual é inseparável da vida de experiências. Uma vida em constante movimento, cheia de antagonismos e aproximações, entrecortada por ciclos de travessias de desertos e oásis.

Filho de judeus espanhóis, seus pais migraram para a França, durante a primeira década do século XX. Nasceu David-Salomon Nahum, em 8 de julho de 1921, em Paris, França, mas os pais optaram por chamá-lo Edgar. A família ensinou-lhe o Mediterrâneo, o gosto pelo azeite, pela berinjela. O pai se encarregou de transmitir-lhe uma cultura de canções, de café-concerto, de operetas e nenhuma tradição ou um saber. A mãe lhe ensinou o gosto pelas óperas italianas. No entanto, a mais importante lição que aprendeu na família foi aos nove anos – a morte da mãe, que marcou a sua vida ininterruptamente⁽¹⁾.

Na adolescência, foi um cinéfilo voraz e leitor faminto. Seja por acaso, ou por sorte, encontrou os livros que lhe falaram, perturbaram-no, transformaram-no e o formaram. Pelo livro – pelo romance – Morin chegou ao mundo. Percorreu o caminho do autodidata, movido por necessidades profundas. No livro *Meus Demônios*, verificam-se aspectos recorrentes do perfil e mesmo da história de Morin, em especial a sua postura de indagação contínua, que o leva a verdades e conclusões temporárias. O nome Morin foi adotado durante sua permanência no Partido Comunista, do qual foi expulso.

A posição inquieta de Morin se refletiu numa produção dinâmica e atenta aos fenômenos de seu tempo, e, especialmente, sempre aberta ao diálogo, ou seja, capaz de incorporar a complexidade de fatos e elementos do mundo vivo.

Assim, a obra de Morin espelha a imagem de um intelectual inquieto, intrigado, cético, e ao mesmo tempo crente, capaz de se indignar frente ao conjunto de situações ricamente historiadas nas múltiplas dimensões abordadas, sejam elas políticas, sociais e culturais, com as quais teve de conviver.

As respostas e mesmo a compreensão dos fatos apresentados por Morin revelam outra característica que lhe é inerente, a sua convivência pacífica, contudo não passiva, com a contradição. Ele admite que seja do choque de ideias contrárias que

resulta cada um de seus livros e que a contradição tem para ele, simultaneamente, um caráter existencial e intelectual.

Como um ser humano sintonizado com o seu tempo, Morin reflete sobre o papel da ética nas sociedades a partir da própria experiência. Nesse sentido, introduz um conceito que, para ele, é emergente em dadas circunstâncias históricas e culturais: o conceito de autoética.

Tolerância, perdão e redenção fundem-se, criando uma noção de ética da compreensão, que impõe a necessidade de argumentar e refutar, em oposição a lançar-se maldição sobre os fatos ou indivíduos da sociedade. Dessa lista de valores universais, Morin sugere a urgência de constituição de uma identidade humanitária, de uma consciência planetária, da ideia de Terra pátria, que significa a matriz fundamental para a ciência com consciência e o sentimento de pertença que estabelece a ligação entre a humanidade e a Terra⁽¹⁾.

Morin não deixou de ser caminhante, sua vida continua errante, impulsionada por suas aspirações múltiplas e antagônicas – tão intensas e extensas em seu ser. Ele vive sempre de recomeços. A contradição e a atitude dialógica de Morin diante de sua caminhada permitem-nos conhecer sua história de vida e compreender a produção dele no campo das ciências, assim como a gênese do pensamento complexo.

A COMPLEXIDADE

Quando um pesquisador se lança na compreensão de determinado fenômeno, à semelhança de todos os seres humanos em qualquer situação, se envolve com todas as facetas que compõem sua condição humana: biológica, psíquica, social, afetiva e racional, nisso comportando sabedoria e loucura, o prosaico e o poético, firmando o que Morin denomina de *homo complexus*.

Foi a partir, inicialmente, de curiosidade científica, e depois de contaminação, que nos aproximamos do paradigma da complexidade. Pois, qualquer conhecimento opera por seleção de dados significativos e rejeição de dados não significativos: separa (distingue ou disjunta) e une (associa, identifica), hierarquiza (o principal, o secundário) e centraliza (em função de um núcleo de noções-chave); essas operações, em que se utiliza da lógica, são de fato comandadas pela organização do pensamento, ou *paradigmas*, princípios ocultos que governam nossa visão das coisas e do mundo, sem que tenhamos consciência disso⁽²⁾.

Por trás de todo conhecimento há sempre um paradigma determinando a promoção/seleção dos conceitos-mestres da inteligibilidade e as operações lógicas-mestras, desempenhando um papel, ao mesmo tempo, subterrâneo, pois funciona de modo inconsciente e soberano, por controlar o pensamento consciente, se caracterizando como supraconsciente. Enfim, o paradigma, as estruturas de pensamento, inscritas culturalmente nos seres humanos, comandam inconscientemente seu modo de conhecer, pensar e agir⁽³⁾.

Desde o século XVII, o pensamento ocidental é condicionado hegemonicamente pelo paradigma cartesiano. Trata-se de um condicionamento antigo, que foi aperfeiçoado por Aristóteles (384-322 a.C.), sobretudo com o princípio do terceiro

excluído (entre duas proposições contrárias, apenas uma pode ser verdadeira), e com o princípio da identidade ($A=A$ e $A\neq B$); e consolidado com as ideias de René Descartes (1596-1650), com a proposição da divisão do objeto em partes e o exame de cada uma delas, para então se buscar a síntese final; e com as ideias de Isaac Newton (1642-1726), para quem a incumbência da ciência consistia em procurar leis universais, que estabelecessem relações claras de causa e efeito⁽³⁾.

Como bem disse Heráclito: nada dura tanto, exceto a mudança; e, apesar do paradigma cartesiano, ainda nos dias atuais, determinar predominantemente o modo de conhecer, pensar e agir dos seres humanos ocidentais, no decorrer da história da ciência um novo paradigma – o da Complexidade – começa a emergir, na medida em que os três pilares da certeza, a *Ordem*, *Separabilidade* e *Razão*, sobre os quais o pensamento científico se fundamentou até o século XX, começaram a ser abalados pelo desenvolvimento, também, da própria ciência⁽³⁾.

O primeiro pilar, o da *Ordem*, baseado nas concepções determinista e mecanicista de Newton, postula que, por trás de qualquer desordem, há sempre uma ordem a ser encontrada. Todavia, as descobertas no campo da termodinâmica, microfísica, cosmofísica, e com a teoria do caos, demonstraram que as noções de ordem e desordem não necessariamente se excluem.

O segundo pilar, o da *Separabilidade*, é balizado pelo princípio cartesiano do fenômeno para análise, e se traduz, primeiro, pela especialização e hiperespecialização disciplinar, rompida pelas ciências sistêmicas que, percebendo o objeto constituído pelas interações entre elementos, articulam o que é separado pelas disciplinas tradicionais. E, em segundo, pela afirmação de que o observador não interfere em sua observação; mas a microfísica, com o físico Heisenberg, numa mudança radical de pensamento, vai ressaltar o contrário: o observador interfere em sua observação.

E, referente ao terceiro pilar do pensamento clássico, a *Lógica Indutivo-Dedutivo-Identitária* direciona a identificação com a Razão Absoluta. Karl Popper retirou o valor de prova absoluta da indução, na qual era possível atingir as leis gerais por meio de casos singulares. Popper observou que não é aceitável, em toda exatidão, afirmar uma lei do tipo “todos os cisnes são brancos”, por nunca se ter visto um cisne negro⁽¹⁾.

Nesse sentido, percebemos que toda construção teórica subentende a história de vida de quem a compôs, reluz seu modo de pensar, perceber, interpretar e compreender a realidade de modo único, constituído ao longo da caminhada do seu artífice. Colocação acolhida por Morin, como um de seus sete princípios da complexidade, o *Princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento*, o qual opera a restauração do sujeito e torna presente a problemática cognitiva central: da percepção à teoria científica, todo conhecimento é uma reconstrução/tradução por um espírito/cérebro, em uma cultura e em um tempo determinados^(4:211-12). Visto como um edifício, o construto epistemológico da Complexidade tem a base formada a partir de três teorias surgidas nos anos de 1940: a Teoria da Informação, a Cibernética e a Teoria dos Sistemas, comportando, ainda, as ferramentas para a teoria da organização.

A Teoria da Informação é uma ferramenta para o tratamento da incerteza, da surpresa, do inesperado, porque “permite entrar

em um universo onde existem ao mesmo tempo a ordem (a redundância), a desordem (o bruto) e extrair o novo (a informação). Além do mais, a informação pode assumir a forma organizadora (programadora) no seio de uma máquina cibernética”⁽⁴⁾.

A Cibernética veio expressar outro princípio da Complexidade adotado por Morin, o *Princípio Retroativo*, com o conceito do ciclo retroativo, rompemos com o princípio de causalidade linear, situamo-nos em um outro nível: não só a causa age sobre o efeito, mas o efeito retroage de maneira informacional sobre a causa, permitindo a autonomia organizacional do sistema⁽⁵⁾.

A Teoria dos Sistemas traduz outro princípio da Complexidade eleito por Morin, que é o *Princípio Sistêmico ou Organizacional*, que permite ligar o conhecimento das partes com o conhecimento do todo e vice-versa. Sabe-se que, de um ponto de vista sistêmico-organizacional, o todo é mais do que a soma das suas partes. Esse ponto de vista mais do que designa os fenômenos qualitativamente novos a que chamamos de emergências. Essas emergências são efeitos organizacionais, ou seja, o produto da disposição das partes no seio da unidade sistêmica. Por outro lado, embora o todo seja mais do que a soma das partes, o todo é igualmente menos do que a soma das partes. Esse “menos” se refere às qualidades que se encontram restringidas e inibidas pelo efeito da retroação organizacional do todo sobre as partes⁽⁵⁾.

Também a partir da Teoria dos Sistemas, Morin assume outro princípio da Complexidade, que é o *Princípio da Auto-eco-organização: autonomia/dependência*, pois o conceito de autonomia só pode ser concebido a partir de uma teoria de sistemas ao mesmo tempo aberta e fechada; um sistema que funciona precisa de uma energia nova para sobreviver e, portanto, deve captar essa energia no ambiente. A autonomia se fundamenta na dependência do ambiente, e o conceito de autonomia passa a ser um conceito complementar e antagônico ao da dependência.

O próximo andar da Teoria da Complexidade é edificado com as ideias de Von Neumann, Von Foerster e Prigogine. Von Newman, em sua teoria dos autômatos autorreprodutores, colocou a questão da diferença entre máquinas artificiais e máquinas vivas. A contribuição de Von Foerster reside na sua descoberta do princípio da Ordem pelo barulho (*order from noise*). Prigogine defendeu que o organismo vivo mantém seus processos vitais em condições de não equilíbrio e, à medida que o sistema se afasta do equilíbrio, ele atinge um ponto crítico de instabilidade a partir do qual emerge um novo padrão ordenado⁽⁴⁾.

Morin suplementou mais três princípios da Complexidade, somando sete. Esses novos princípios são: o Dialógico, o Recursivo e o Hologramático⁽¹⁾. O *Dialógico*: que nos ajuda a pensar, em um mesmo espaço mental, algumas lógicas que se completam e se excluem. Ele pode ser definido como a associação complexa (complementar/concorrente/antagonista) de instâncias conjuntamente necessárias para a existência, para o funcionamento e o desenvolvimento de um fenômeno organizado. O *Recursivo*: mostra-se como um processo no qual os efeitos ou produtos são simultaneamente causa produtiva do próprio processo, e no seio do qual os últimos estados são necessários para se gerarem os do início. O processo recursivo, sob esse enfoque,

é aquele que se produz/reproduz a si mesmo, na condição, obviamente, de que seja alimentado por uma fonte, uma reserva ou um fluxo exterior. O *Hologramático*: esse princípio indica que, como em um holograma, cada parte contém praticamente a totalidade da informação do objeto representado; em qualquer organização complexa, não só a parte encontra-se no todo, mas o todo encontra-se igualmente na parte.

Se, pelo viés da cosmologia moderna, o ser humano se situa/situava em um universo materialista, mecânico, linear, determinista e fragmentado, a nova cosmologia emergente o posiciona em um universo onde todos os fenômenos mantêm uma relação de interdependência, de interatividade e de inter-retroatividade, em uma realidade transpassada de incertezas, imprevisibilidade, acasos, contradições. Em síntese: complexa. Nesse sentido, conforme a definição de Morin⁽²⁾:

(...) a um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico (...)

Assim, o pensamento complexo visa mover, conjugar, articular os diversos saberes compartimentados nos mais variados campos do conhecimento, sem perder a essência e a particularidade de cada fenômeno, religando matéria e espírito, natureza e cultura, sujeito e objeto, objetividade e subjetividade, arte, ciência, filosofia. Considera igualmente o pensamento racional-lógico-científico e o mítico-simbólico-mágico. O pensamento complexo se estabelece como requisito para o exercício da interdisciplinaridade.

Nessa direção, a complexidade dispõe de um método conexo, que segue o verso de Antônio Machado: “viajante, não existe caminho, o caminho nasce de tua caminhada”⁽⁵⁾. Ela convida o cientista a uma caminhada sem percurso predeterminado rigidamente; e, ante o sim, lhe entrega sete princípios metodológicos para pensar a complexidade, o insuflando a elaborar suas próprias estratégias na abordagem do problema em questão.

Para Edgar Morin, o método como caminho também se vincula à experiência de pesquisa do conhecimento, compreendida como travessia geradora de conhecimento e de sabedoria⁽⁵⁾. Enfim, o método/caminho/travessia/pesquisa e estratégia⁽²⁾ absorve ao mesmo tempo programa e estratégia, isto é, se apoia em uma sequência inicial de ações, mas desde o início se prepara para receber o inesperado e modificar suas ações em função das informações surgidas⁽⁵⁾. E a estratégia se manifesta nas situações aleatórias, é aberta, evolutiva, enfrenta o imprevisto, aprende com seus erros, exigindo competência, iniciativa, decisão e reflexão, o método se constitui “(...) como atividade pensante do sujeito vivo, não abstrato. Um sujeito capaz de aprender, de inventar e de criar sobre e durante o seu caminho”⁽⁵⁾.

Assim, Edgar Morin, sublinhando que todo o conhecimento pode ser empregado para manipulação e que o pensamento complexo leva a uma ética da solidariedade e da não coerção (alimentando assim a ética), pensa em uma “ciência com

consciência”⁽⁶⁾, cujo princípio de ação não ordene, não manipule, não dirija, mas organize, comunique e estimule. Entretanto, o pensador enfatiza o hiato existente entre a intenção e a ação, as incertezas éticas presentes no agir pelo bem, no cumprir seu dever, exemplificando, também, através da ecologia da ação, que nos indica que toda ação escapa, cada vez mais, à vontade do seu autor, na medida em que entra no jogo das inter-retroações do meio onde intervém. Assim, a ação corre o risco de fracassar e também de sofrer desvio ou distorção de sentidos⁽⁷⁾.

A lógica do pensamento complexo de Morin tem iluminado muitas discussões no campo da Enfermagem/Saúde, uma vez que, nessa área, os fenômenos que envolvem o processo de saúde e doença apresentam múltiplas dimensões⁽⁸⁾.

A INTER-RELAÇÃO ENTRE A COMPLEXIDADE E A RELIGAÇÃO DE SABERES INTERDISCIPLINARES NA ENFERMAGEM/SAÚDE

A complexidade, como epistemologia, tem como essência pilares que envolvem a busca por interpretações do significado do complexo, bem como seus alicerces, que envolvem diversas terminologias, como transdisciplinaridade, interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, imbricadas com as questões da saúde e também com o cuidado de enfermagem⁽⁹⁾.

Na abordagem complexa, o conhecimento das informações ou dos dados isolados, como já refletimos, é insuficiente, visto que é preciso situá-los em seu contexto para que adquiram sentido⁽⁶⁾. Agregada a esse processo, no ambiente de Enfermagem/Saúde, está a interdisciplinaridade, que incita à necessidade de religação dos saberes para permitir a relação da parte no todo e do todo na parte. O pensamento complexo, na perspectiva interdisciplinar, aspira ao conhecimento multidimensional, mas entende que o conhecimento completo é inatingível. Esta forma de pensar comporta o reconhecimento de um princípio de não completude e de incertezas⁽⁶⁾.

A ideia de complexidade traz entendimento contra a clarificação, a simplificação e o reducionismo excessivos. Por aspirar ao conhecimento singular e multidimensional, os sete princípios de Morin são aplicáveis em todas as áreas da Enfermagem/Saúde.

Pensar em Enfermagem/Saúde, na lógica do pensamento complexo, pode implicar em reconhecer uma nova visão das concepções de vida, do social e de saúde vigentes. O ser humano é complexo e plural, cognoscente, socio-político-cultural, com aptidões para produzir, construir, aprender, conhecer, evoluir em busca do exercício da sua cidadania e conquista de sua autonomia⁽¹⁰⁾.

Na sua incompletude, o ser humano geralmente busca o conhecimento como forma de superação de seus limites, reconhecendo sua interdependência e se fortalecendo pelas relações, interações e associações com seus pares e recursos da natureza.

Tradicionalmente, também na Enfermagem/Saúde, sob o enfoque mecanicista e simplificador, o ser humano, frequentemente, é concebido em partes/fragmentos/pedaços. No entanto, novos referenciais, como a complexidade moriniana, vêm tentando contribuir para a compreensão do cuidado como um sistema complexo⁽¹¹⁾, isto é, percebido como um fenômeno vital,

dinâmico, dialógico e essencial na vida dos seres e do ambiente.

Acredita-se que os princípios de complexidade, segundo Edgar Morin, são condizentes com o avanço da ciência e tecnologia, principalmente no ambiente de Enfermagem/Saúde, pois podem atingir a ciência com consciência/complexa⁽⁶⁾.

A complexidade incita à construção do conhecimento na Enfermagem/Saúde, para a prática de inter-relação, de interdisciplinaridade e interação, articulando os conhecimentos das diferentes áreas. Implica em reflexão-ação-reflexão, um constante construir, desconstruir e reconstruir, que pode trazer contribuições para a evolução e inovação das práticas profissionais como ciência e disciplina reconhecidas⁽¹²⁾.

Considera-se que a complexidade da vida envolve a inter-relação entre os objetos, bem como as interações existentes entre eles. Abarca condição humana, ser humano, conhecimento, diversidade, subjetividade, ambiente, questões econômicas, entre outros objetos, que estão inseridos nessa abordagem. Surge um novo olhar sobre o conhecimento e as consequências educativas epistemológicas e éticas⁽¹³⁾.

Concernente aos princípios de Morin, defende-se a necessidade de discussão sobre a diversidade humana, o diálogo entre parceiros ou atores sociais, reconhecendo-se as semelhanças e diferenças instituídas biológica, social, política e culturalmente. O agir individual também traz a expressão dos aspectos culturais, sociais, afetivos e políticos que estão inter-relacionados na complexidade do ser humano e nas relações de saúde e de cuidado de enfermagem.

A complexidade atual do sistema de Enfermagem/Saúde envolve a interdisciplinaridade como ação que permeia tanto as práticas como os discursos disciplinares e suas formas de expressão, neles originando um conjunto de mediações de natureza não apenas teórica (entre as disciplinas que o compõem), mas também políticas, sociais e culturais.

Recomenda-se atentar à importância do trabalho da equipe heterogênea, imbuída da interdisciplinaridade, porque o efeito

complexo do conhecimento é mais perceptível: não apenas se soma, mas se potencializa e amplia. Os órgãos formadores de futuros trabalhadores de Enfermagem/Saúde necessitam permitir a rede de olhares diversificados dos estudantes, que poderão continuar com esses e outros olhares no mundo do trabalho⁽¹⁴⁾.

Considera-se que a prática de cuidado exige hoje, mais do que nunca, um exame rigoroso e aberto das formas tradicionais de pensá-la, descrevê-la e orientá-la. Faz-se necessário recuperar um pensamento problematizador e crítico, que possa permitir ir além do que é instituído como conhecimento lícito e verdadeiro, às vezes de forma arrogante, como pensamento único. O que se busca é realizar um exercício constante de interrogação do que se mostra evidente e aceitar os limites do nosso pensar e as incertezas do presente⁽¹⁵⁾.

A Enfermagem/Saúde necessitam, crescentemente, direcionar o pensamento para a complexidade, para a relação dos saberes disciplinares. Os saberes e experiências, como já refletidos, necessitam ser compartilhados de maneira que não exista o domínio de nenhuma disciplina sobre as outras, de nenhum profissional sobre o outro, para, assim, proporcionar um cuidado ampliado, segundo as necessidades dos usuários, respeitando e aceitando as singularidades, tanto entre os trabalhadores da saúde como entre esses e os usuários.

Novas concepções, como a complexidade, instigam-nos a pensar de outras maneiras. Assim, tais circunstâncias remetem ao ser humano – trabalhadores e usuários, a aceitar incertezas, ambivalências e contradições presentes no sistema de cuidados, para que seja possível lidar com a complexidade do real. Entender a Enfermagem/Saúde, sob esse novo olhar, requer enfrentar desafios no âmbito da Academia (por meio dos enfermeiros docentes e dos estudantes de enfermagem), dos Serviços (através dos enfermeiros assistenciais e dos gestores) e dos usuários. Requer, enfim, compreender a enfermagem no universo das disciplinas sociais e de saúde, assim como apreender as várias disciplinas na enfermagem.

REFERÊNCIAS

1. Morin E. Meus demônios. São Paulo: Bertrand Brasil; 2000.
2. Morin E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina; 2006.
3. Morin E. O método 4: as ideias. Porto Alegre: Sulina; 1998.
4. Morin E, Le Moigne J. A inteligência da complexidade. São Paulo: Peirópolis; 2000.
5. Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; 2000.
6. Morin E. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2005.
7. Morin E. O método 6: ética. Porto Alegre: Sulina; 2005.
8. Albuquerque MSV, et al. A expressão de demônios de Morin. Rev Bras Saúde Matern Infant 2007;7(4): 503-6.
9. Santos SSC. O ensino da enfermagem gerontogeriatrica e a complexidade. Rev Esc Enferm USP 2006; 40(2):228-3.
10. Morin E. O Método 5: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina; 2002.
11. Erdmann AL, et al. Gestão das práticas de saúde na perspectiva do cuidado complexo. Texto & Contexto Enferm 2006;15(3):483-91.
12. Meirelles BHS, Erdmann AL. Redes sociais, complexidade, vida e saúde. Ciênc Cuid Saúde 2006;5(1):67-74.
13. Falcón GS, Erdmann AL, Meirelles BHS. A complexidade na educação dos profissionais para o cuidado em saúde. Texto & Contexto Enferm 2006;15(2):343-51.
14. ALMEIDA JLV. Interdisciplinaridade: uma abordagem histórica com ênfase no ensino. Notandum Libro 2009;13:87-94.
15. Medina JL. La construcción del saber en la enfermería y la salud: una visión ontoepistemológica. In: Anais do XII Colóquio Panamericano de Investigación en Enfermería; 2010 ago/set 29-02; Florianópolis; 2010.